

Prefácio

Viajar no sofá do meu quarto

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Este meu título é paráfrase óbvia do clássico *Viagem à volta do meu quarto* de Xavier de Maistre (1794). Nele, o autor fantasia viagens ocorridas apenas na sua imaginação, efabuladas a partir dos objetos que no seu próprio quarto o rodeiam. Esse livro nada tem a ver com a presente coletânea de ensaios, contudo o sugestivo título de De Maistre proporciona-me de bandeja a oportunidade de captar em síntese o conteúdo deste volume. Com efeito, as suas coordenadoras oferecem-nos um pacote de deliciosos périplos vicários — a propósito de viagens reais — que um apreciador do género poderá usufruir sem sair do seu quarto e sem tão pouco precisar de se levantar do sofá. O leque é variado no tempo e na geografia. Alguns textos remontam ao século XV, os outros estendem-se até ao século XX, enquanto o espaço coberto atinge quase o globo inteiro, embora privilegiando a Europa e, em particular, os Açores.

O leitor pode começar pelo fim, quase como se tivesse nas mãos um livro hebraico, ou atirar-se a um capítulo a meio, ou a qualquer outro à toa, conforme o interesse do momento ou o acaso do abrir do livro. O índice desde logo proporciona uma experiência de riqueza temática, como se nos fosse servida a ementa de um restaurante com uma estrela Michelin, onde o cliente que o visita pela primeira vez pode escolher de olhos fechados sabendo que não vai errar porque o paladar está garantido à partida.

Os leitores interessados nos Açores reconhecerão agradecidos o privilégio de serem os mais bem contemplados. É natural. Um livro que teve origem num colóquio na Universidade dos Açores (ainda que não se limitando à mera recolha dos ensaios ali apresentados) tinha naturalmente de refletir o muito que sobre o arquipélago tem sido escrito ao longo dos séculos. E são textos deveras interessantes, a começar pelo que abre o volume, versando o interesse dos europeus do norte pelos Açores nos finais do período medieval.

Mas os autores não se ficam pelas viagens; pretendem ir mais além afluando temáticas relacionadas com o turismo, suscitadas pelo facto de, inesperadamente, os Açores terem saltado para a berlinda internacional captando a atenção dos estrangeiros (e também de muitos portugueses) que, distraidamente, até há pouco não se tinham ainda apercebido destas ilhas — ainda em 1924 o escritor português Raul Brandão lhes chamou “ilhas desconhecidas” — agora subitamente tornadas apelativas por serem capazes de proporcionar experiências fora do tumulto tipicamente associado ao turismo de massas. O último texto da secção III — “A roadmap for sustainable tourism” — é uma reflexão coletiva aprofundando muita da temática transversal a todo o volume, como que servindo de substrato teórico a sustentar e coligar todos os contributos. Nele são tratadas questões pertinentes incidindo sobre a realidade atual açoriana, quando o arquipélago se sente emergir no palco internacional como pólo magnético do turismo da natureza. O latente receio (também já suficientemente verbalizado na comunicação social) de os Açores virem a estragar a sua especificidade — essa que agora os torna tão atraentes — abrindo-se demasiado aos visitantes e transformando-se em mais um local de turismo de massas é uma preocupação séria, que não apenas transparece mas é mesmo explicitamente abordada pelos autores do referido texto.

A problemática levantada pelos subscritores desse capítulo é igualmente partilhada pelas coordenadoras do volume, e ressalta nos diversos contributos, como se uma corrente de consciência atravessasse todo o livro, mesmo quando apenas em subtexto. Dir-se-ia que estas reflexões foram feitas a pensar na viagem como maneira de conhecer o mundo sem o estragar, como se viajássemos na nossa imaginação, à maneira de Xavier de Maistre. Os autores e as coordenadoras como parecem sentir — direta ou indiretamente — serem os Açores um espaço que deve convidar os forasteiros a apreciar uma natureza pouco adulterada mas, em simultâneo, pensam que importa fechá-lo ao abuso do turismo massivo. De modos diversos revelam afinal o compreensível medo do que acabaria destruindo esse baluarte da natureza, até aqui preservado por estar perdido no meio do Atlântico (e porque o tempo instável e imprevisível o afastou dos planos das agências de viagens obcecadas com praias e sol).

Mas basta de introdução. Não convém alongar-me mais, impedindo o leitor de viajar por estas páginas reclinado no seu sofá, saboreando um vasto leque de passeios diversos no tempo e no espaço. Infelizmente, os leitores monolíngues perderão uma parte substancial do conjunto oferecido por este precioso livro. No entanto, tudo o que puderem ler valerá bem a pena e o tempo dispendido. Se o fizerem no remanso dos Açores, tanto melhor.

Providence, Rhode Island, EUA

Preface

Traveling on the sofa in my room

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

This title is an obvious paraphrase of the classic work *Journey Around My Room* by Xavier de Maistre (1794). In it, the author fantasizes about journeys that occur only in his imagination, generated by the objects surrounding him in his room. That book has nothing to do with the present collection of essays, but De Maistre's suggestive title allows me to summarize this volume's content. In effect, its editors offer us a package of delightful vicarious journeys—based on actual journeys—that a genre lover can enjoy without leaving his room or even needing to get up from their sofa. The range of texts varies in time and geography. Some texts date back to the 15th century, while others extend into the 20th century. The area covered spans almost the entire globe, although Europe and, in particular, the Azores are the primary focus.

The reader can start at the end, almost as if they were holding a Hebrew book in their hands, or jump into a chapter halfway through, or any other chapter at random, depending on their interest at the time or the occasion that brings them to open the book. The index immediately provides an experience of thematic richness, as if we were being presented with the menu of a Michelin-starred restaurant, where a customer visiting for the first time can choose with their eyes closed, knowing that they will not go wrong as their taste buds are guaranteed to be satisfied from the start.

Readers interested in the Azores will be grateful to enjoy the privilege of being among the best-regarded. It is only natural. A book that originated in a colloquium at the University of the Azores (although not limited to a mere collection of the essays presented there) naturally had to reflect the great deal that has been written about the archipelago over the centuries. These are intriguing pieces, starting with the one that opens the volume, which discusses the interest of northern Europeans in the Azores at the end of the medieval period.

But the authors do not stop at travel narratives; they intend to go further by touching on themes related to tourism, brought to the fore by the fact that, unexpectedly, the Azores have jumped into the international spotlight, capturing the attention of foreigners (and also of many Portuguese) who, until recently, had not yet been aware of these islands—back in 1924, the Portuguese writer Raul Brandão called them “unknown islands” in the title of his travel book throughout the Azores—now suddenly becoming appealing because they are capable of providing experiences outside the hustle and bustle typically associated with mass tourism. The last text in section III—“A roadmap for sustainable tourism”—is a collective reflection that delves into many of the themes that run through the entire volume as if serving as a theoretical basis to support and connect all the contributions. It addresses pertinent questions focusing on the current reality of the Azores when the archipelago feels itself emerging on the international stage as a magnet for nature tourism. The latent fear (also already sufficiently verbalized in the media) that the Azores will ruin their specificity—the one that now makes them so attractive—by opening up too much to visitors and transforming themselves into yet another mass tourism destination is a serious concern, which is not only apparent but, indeed, explicitly addressed by the authors of the text mentioned above.

The volume’s coordinators also share the issues raised by the subscribers to this chapter. They are highlighted in the various contributions, as if a current of consciousness ran through the entire book, even if only in subtext. It could be said that these reflections were made with the idea of traveling to know the world without spoiling it, as if we were traveling in our imagination, in the style of Xavier de Maistre. The authors and coordinators seem to feel—directly or indirectly—that the Azores is a place that should invite outsiders to appreciate an unadulterated nature while concurrently maintaining the importance of preventing the abuses of mass tourism. In different ways, they reveal the understandable fear of what would end up destroying this bastion of nature, preserved until now because it is lost in the middle of the Atlantic (and because the unstable and unpredictable weather has kept it out of the plans of travel agencies obsessed with beaches and sun).

But enough preamble. I should not go on any longer, preventing the reader from traveling through these pages while reclining on his or her sofa, enjoying a wide range of diverse journeys through time and space. Unfortunately, monolingual readers will miss out on a substantial part of the range offered by this precious book. However, everything they can read will be worth the time and effort. If they are lucky to do so in the hinterlands of the Azores, so much the better.

Providence, Rhode Island, USA